

A SEXUALIDADE COMO TEMA NA FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO: INTEGRANDO ENSINO E PESQUISA PARA FORMAR O ENFERMEIRO- EDUCADOR EM SEXUALIDADE

Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera

- Enfermeira, Mestre em Ciências da Saúde, Doutoranda em Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas na EERP-USP, Docente adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem da UNIPAR, coordenadora do grupo GEHA cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPQ, orientadora do PIC/UNIPAR 2009. Projeto financiado pela UNIPAR. vane@unipar.br

André Estevam Jaques Enfermeiro

Mestre em Engenharia de Produção, Docente adjunto do Curso de Graduação em Enfermagem da UNIPAR, pesquisador do GEHA, colaborador do PIC/UNIPAR 2009. aejk@unipar.br

Sonia Maria Villela Bueno Pedagoga

Mestre em Enfermagem, Doutora em Educação, Livre Docente e Professor Associado pela USP, Docente da EERP-USP, Coordenadora do Grupo de ensino, pesquisa e extensão do CAESOS cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPQ, e pesquisadora do GEHA. smvbueno@eerp.usp.br

Larissa Angélica da Silva Philbert

Pedagoga e Psicopedagoga; Mestranda do Programa de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas na EERP-USP; membro Efetivo do Centro Avançado de Educação para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência – CAESOS. e-mail: larissas3@yahoo.com.br

Pesquisa financiada pela Universidade Paranaense - UNIPAR

INTRODUÇÃO

Na enfermagem, a sexualidade é defendida como uma necessidade humana básica (HORTA, 1979) e, portanto, parte integrante dos cuidados prestados por este profissional, tanto na assistência e extensão quanto no ensino e na pesquisa junto a indivíduos e grupos.

A enfermagem é descrita como ciência e arte de cuidar de indivíduos, famílias e comunidades. É atividade secular, que ganhou mérito científico através de Florence Nightingale. Sua fase moderna surgiu com a Fundação da Escola Nightingale de Treinamento para Enfermeiras anexa ao Hospital Saint Thomas, em Londres, no séc. XIX (GEOVANINI, 1995). Através de Florence Nightingale, consolidou-se, portanto, uma nova concepção de enfermagem arraigada em princípios, ensino e arte do cuidado, afirmando-a como prática científica (CARVALHO, 2004).

No Brasil, Wanda de Aguiar Horta foi a primeira enfermeira brasileira a descrever uma teoria de enfermagem, a Teoria das Necessidades Humanas Básicas, redefinindo o conceito de enfermagem e seu processo de trabalho, que ela intitulou de Processo de Enfermagem (HORTA, 1979), um método que utiliza sua estrutura teórica para aplicá-la na prática (DELL'ACQUA; MYADAHIRA, 2000).

A teoria de Horta classificou as necessidades humanas em três grandes grupos, distintos e interligados: necessidades psicobiológicas, necessidades psicossociais e necessidades psicoespirituais. A sexualidade, enquanto necessidade humana está explicitada entre as necessidades de ordem psicobiológica e psicossocial. Desta forma, ao prestar assistência de enfermagem, a sexualidade deve ser vista como necessidade que precisa ser investigada e implementada considerando que o ser humano é indissociável e que a sexualidade é parte inerente da sua constituição integral – corpo, mente, espírito.

Considerando o homem como um ser indivisível em oposição à sua fragmentação e reducionismo provocado pelo mecanicismo, pode-se observar um novo horizonte de atuação profissional da enfermagem, em que se valorizem muito mais as pessoas do que suas condições patológicas.

No entanto, os profissionais da enfermagem muitas vezes estão mais preocupados com o tecnicismo e valorização biológica do ser humano do que propriamente em todas as suas potencialidades e complexidade da vida e, numa atitude mecânica e culturalmente construída, acabam se esquecendo das outras necessidades humanas do ser humano que estão sob seus cuidados, a saber, suas necessidades sociais, emocionais e espirituais.

Temas que envolvem a sexualidade têm sido delegados aos profissionais da Saúde e da Educação, incluindo o enfermeiro; mas acredita-se que o despreparo para lidar com essa temática, ou a formação incipiente, tenha impedido a melhoria da qualidade de vida (OLIVEIRA; BUENO, 1997), exigindo a reformulação das práticas educativas e de processos formativos no contexto acadêmico.

Desta forma, questiona-se a formação do (a) enfermeiro (a) para as funções de educador e assistente quando realizadas sob a égide de abordagens que ainda privilegiem os aspectos biológicos do corpo humano e que, portanto, reduziria a sexualidade à genitalidade na prática deste profissional.

OBJETIVO

Este estudo procurou descrever a experiência de inserir o tema sexualidade no ensino-pesquisa-extensão da graduação em enfermagem da UNIPAR campus Sede.

CASUÍSTICA E MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência sobre o estudo, pesquisa e extensão em sexualidade desenvolvida junto ao Grupo de Estudos em Hipertensão Arterial (GEHA), cadastrado no Diretório de Pesquisas do CNPQ, vinculado à Universidade Paranaense –UNIPAR campus Umuarama –PR. Neste relato estão incluídos os pesquisadores vinculados ao GEHA, que participam efetivamente da orientação para o ensino-pesquisa-extensão nesta temática. São pesquisadores da própria instituição a que o grupo está vinculado – UNIPAR, e também à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – EERP-USP, através de intercâmbio de conhecimentos.

Este foi o primeiro grupo de pesquisa em hipertensão arterial no município de Umuarama-PR. A partir do ano de 2009, o grupo passou a estudar o portador da doença sob os aspectos psicossociais, incluindo a sexualidade, por entender que o enfermeiro necessita desta visão para sua prática assistencial e educativa.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

O GEHA possui quatro pesquisadores e vinte e um estudantes orientados. Os pesquisadores possuem, como área de formação, enfermagem e/ou pedagogia. Os acadêmicos são graduandos em enfermagem da UNIPAR campus Umuarama-PR e estão vinculados ao Programa de Iniciação Científica (PIC) desta universidade.

O principal objetivo do GEHA para o ano de 2009, enquanto grupo de estudo vinculado a pesquisa, é investigar a percepção de hipertensos e diabéticos acompanhados nos grupos de educação em saúde do Centro de Saúde Escola (CSE), em Umuarama-PR, sobre lazer e sexualidade. Desta forma, estará evidenciando: 1) Descrição da representação social dos grupos sobre lazer; 2)

Relato da representação social dos grupos sobre sexualidade; 3) As dificuldades do grupo quanto às práticas da sua sexualidade; 4) As dificuldades do grupo quanto às práticas de lazer.

No que se refere à sexualidade, tema deste relato, por ocasião da seleção dos acadêmicos para participar do GEHA através do PIC, percebeu-se ausência de conhecimentos a respeito da temática, tanto na prova escrita quanto na entrevista do processo seletivo.

A partir de então, novas estratégias estão sendo elaboradas permitindo que os envolvidos possam ensinar-aprender-pesquisar-assistir, através de uma prática indissociável, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro” (FREIRE, 1996).

Nos meses de fevereiro, março e abril de 2009 os envolvidos estão em processo de educação na temática sexualidade. Acreditando, entretanto, na educação progressista por considerar que é aplicável em todos os locais em que a educação é requerida, e considerando que é uma prática da natureza humana, se aplica em todas as situações (FREIRE, 1996), adotou-se esta abordagem pedagógica para que o grupo pudesse educar-se quanto à sexualidade. Leituras individuais seguidas de discussão grupal, aula expositiva dialogada e mesas redondas foram estratégias pedagógicas planejadas para este momento.

A vivência, que corresponderá ao momento investigativo e assistencial deste grupo, será um momento rico para a elaboração final de conceitos, valores e conhecimentos sobre a temática, especialmente na fase da teorização, quando teoria e prática se tornarão melhor relacionadas. Nesta fase, os acadêmicos irão pesquisar-assistir o grupo de hipertensos sobre a sexualidade.

Este preparo cuidadoso para o contato dos acadêmicos com o tema sexualidade encontra-se na própria evolução histórica deste assunto; sexualidade sempre foi tema envolvido a mitos, tabus e credences, como forma de evitar o contato com o profano. A enfermagem enquanto profissão é exercida por pessoas que não fogem destas amarras e, portanto, insere-se dentro deste contexto sócio-cultural não diferindo quanto às estas crenças, mitos e tabus (GIR; NOGUEIRA, PELÁ, 2000).

A este respeito, Lewis; Bor (1994) pesquisaram, através de questionários distribuídos a enfermeiros, a correlação entre conhecimento, conduta e práticas de enfermagem no contexto da sexualidade humana e encontraram: 54% dos sujeitos estudados sentiram-se embaraçados em discutir sexualidade humana; 64% raramente ou nunca questionaram sobre a sexualidade do paciente; entretanto, 54% deles acreditam ser relevante incluir questões sobre a história sexual do paciente em sua ficha de admissão. PELÁ et al. (1995) realizaram estudo em um hospital-escola onde aplicaram questionário para avaliar o conhecimento que 147 enfermeiros possuíam sobre sexualidade, na assistência ao paciente como “ser sexual”. O resultado desta pesquisa mostrou que apenas 25% dos profissionais estudados tinham conteúdo sobre sexualidade humana em sua formação acadêmica, conseguindo orientar e esclarecer seus pacientes sobre questões sexuais.

Faz-se necessário, contudo, inferir a obrigatoriedade da habilidade de educar pelo enfermeiro, já descrita nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Formação do Enfermeiro, em que se relata a necessidade da formação em ensino, independente da licenciatura, na formação do enfermeiro brasileiro (BRASIL, 2001). Cabe ao enfermeiro, portanto, educar e orientar em sexualidade.

Ao se falar em Educação Sexual, o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS) a define como “todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre a sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia”; Orientação Sexual é definida como “processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas” (SUPLICY et al, 2004).

Freire (2001) diz que a sexualidade é o alongamento de nós mesmos, é produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza e que exige de nós a busca do saber sobre o nosso próprio corpo. Por isso, segundo ele, não se pode ser autêntico no mundo e com o mundo, se se fechar aos mistérios do corpo ou se os tratar, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência tem sido significativa como espaço de discussão sobre sexualidade humana, destacando a importância do papel do enfermeiro nestas ações e da carência de preparo acadêmico para essa temática.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Resolução CNE/CES n 3, de 7 de novembro de 2001. Institui diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de novembro de 2001. Seção 1, p37.

CARVALHO, V. de. Cuidando, pesquisando e ensinando: acerca de significados e implicações da prática da enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v12, n5, Ribeirão Preto set/out, 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artext&pid=S0104-11692004000500015&lng. Acesso em 11/03/2005

DELL'ACQUA, M.C.Q.; MIYADAHIRA, A.M.K. Processo de Enfermagem: fatores que dificultam e os que facilitam o ensino. **Rev.Esc. Enf. USP**, v34, n4, dez., 2000, p383-389

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 24ª ed. Rio Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 148p.

GARCIA, SMS ET al. Alterações no padrão sexual de hipertensos atendidos em ambulatório de cardiologia. **Rev Enferm UFPE On Line**. 2008;2(1):87-95.

GIR, E.; NOGUEIRA, M.S.; PELÁ, N.T.R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Rev.latinoam. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, abril 2000.

HORTA, W.A. **Processo de Enfermagem**. São Paulo, EPU, 1979, 96p

LEWIS, S.; BOR, R. Nurses' knowledge and attitudes toward sexuality and relationship of these with nursing practice. **J. Adv. Nurs.**, v. 20, n. 2, p. 251-259, 1994.

OLIVEIRA, M.A.F.C.; BUENO, S.M.V. Comunicação educativa do enfermeiro na promoção da saúde sexual escolar **Rev.latino-am.enfermagem**. 1997; 5(3):71-81.

PELÁ, N.T.R.; MELO, A.S.; SANTANA, V.M.S.; NHAMBA, AL. A sexualidade humana no contexto da assistência de enfermagem. **Rev. Bras. Sex. Humana**, v. 6, n. 1, p. 99-113, 1995.

SUPLICY, M. et al. **Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologia**. 10ª ed. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo; 2004.